

GUERRILHA DO ARAGUAIA – VERSÃO EXPANDIDA

*“ No Araguaia passa um rio
Rio onde plantaste
Tua liberdade
Camponês, homem da terra
Vingará teu sangue
Sonhará contigo
Nunca há de te esquecer”
(Grupo Mambembe)*

1. Introdução.

Na década de 1980 o grupo mineiro Mambembe, grava a canção *Rio Araguaia* em homenagem a Guerrilha do Araguaia, ocorrida entre os anos de 1972-1974. Somente após a abertura lenta, gradual e segura prometida pelos militares, foi possível no Brasil, falar sobre a guerrilha.

Durante os anos do embate e os que se seguiram, as forças armadas se comprometeram em desaparecer com essa história. Se ocuparam não só com o desaparecimento físico dos guerrilheiros, mas também se encarregaram de ocultar informações sobre os fatos ocorridos na região. Ainda hoje, o acesso a diversos documentos e informações referentes a esse período histórico é negado.

O PCdoB foi a única organização de esquerda no Brasil, que desde o princípio, fez a opção de combater o regime autoritário dos militares através de uma ação armada no campo. As outras organizações optaram por ações urbanas, se infiltrando em movimentos operários, e principalmente, participando do movimento estudantil. Posteriormente, algumas dessas organizações optaram pela luta armada, em grande parte em território urbano, tendo algumas experiências no campo, após o recrudescimento da ditadura contra as organizações nas cidades.

De orientação maoísta, o PCdoB acreditava na mobilização das massas, através de amplo trabalho de conscientização da população rural, na qual a

guerrilha seria apenas uma parte da luta pela emancipação do povo. O Comitê Central do PCdoB avaliava que o Brasil daquele período não apresentava condições favoráveis para uma revolução socialista. Para aquele momento, segundo os dirigentes, era necessário um movimento de caráter democrático e anti-imperialista, reformador das estruturas vigentes.

Já em meados de 1966, princípio de 1967, chegam os primeiros guerrilheiros à região do Pará. Chegam para viver como a população ribeirinha, trabalhar na roça e ajudar a população da melhor maneira possível, oferecendo assistência médica, remédios com baixo custo ou de graça e educação para as crianças.

Um dos primeiros a chegar foi Oswaldo Orlando da Costa, o mineirão, ou como ficou mais conhecido, o Oswaldão. Segundo o Relatório Arroyo, primeiro documento produzido sobre a guerrilha, haviam 69 guerrilheiros na região em 12 de abril de 1972, dia do primeiro ataque das forças armadas. Estavam divididos em 3 destacamentos e 1 Comissão Militar. Entre os combatentes, temos 10 mineiros, em sua maioria, jovens com menos de 30 anos, sendo 8 homens e duas mulheres. A participação dos mineiros na Guerrilha do Araguaia se destaca pela bravura, resistência e comprometimento com o grupo. Foram combatentes leais que morreram por um ideal.

2. Fontes Utilizadas

Para a elaboração desse texto foram utilizados como fontes, o *Relatório sobre a Luta no Araguaia*, mais conhecido como Relatório Arroyo. Primeiro documento produzido pelo PCdoB sobre a guerrilha. Ângelo Arroyo, foi um dos poucos combatentes do Araguaia a sair com vida da região. Apresentou seu relatório sobre a guerrilha ao Comitê Central em 1974. Arroyo, foi morto pela repressão em 1976 na operação militar que ficou conhecida como o Massacre da Lapa. Ação feita com o intuito de dizimar a direção do PCdoB. Ainda hoje, esse é considerado um dos mais importantes documentos sobre a guerrilha,

sendo utilizado para confrontar os dados oferecidos pelos militares sobre o ocorrido.

Ainda como fonte primária foram utilizados diversos documentos produzidos pelas Forças Guerrilheiras do Araguaia (FOGUERA), reproduzidos pelo PCdoB na edição especial da Revista Princípios, com o título de *Guerrilha do Araguaia*, 3ª Edição.

Foi também utilizado o relatório final sobre a Guerrilha do Araguaia da Comissão Nacional da Verdade, que contém relato substancial sobre os fatos. O livro *Operação Araguaia*, de Taís Morais e Eunamo Silva que trás documentos inéditos sobre a guerrilha, conseguidos pelos autores, através de um militar que se infiltrou na região na época do ocorrido. O *Relatório Serra das Andorinhas*, do Grupo de Trabalho Araguaia, que disserta sobre a viagem de representantes do Ministério Público Federal e Secretaria dos Direitos Humanos à Serra das Andorinhas, possível local onde enterraram alguns guerrilheiros. Utilizamos também as biografias sobre os nossos 10 personagens mineiros, produzidas pela Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, Comissão Nacional da Verdade, pela Revista Guerrilha do Araguaia e pelo Livro Operação Araguaia.

3. A Guerrilha do Araguaia

O XX Congresso do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de 1956, em que são revelados os crimes de Stalin, causa grande impacto em todos os PC's do mundo, no Brasil, não foi diferente. O novo dirigente russo, Nikita Kruchev defende que os partidos comunistas devam se organizar para uma transição pacífica dos países para se chegar ao socialismo, através do voto.

No Brasil, as resoluções do XX Congresso gera dois grupos distintos dentro do PCB, o grupo de Luís Carlos Prestes que segue fiel ao PCUSS, e outro grupo liderado por João Amazonas, mantendo-se stalinista mas agora se aproximando das orientações chinesas da guerra popular de longa duração.

Em 1962, o grupo de Amazonas elabora a *Carta da Mantiqueira*, em que defendem a refundação do Partido Comunista do Brasil, agora com a sigla PCdoB se identificando como um partido revolucionário, que condena o revisionismo do líder soviético Kruchev.

No documento, os signatários da carta afirmam que o partido tinha deixado de ser um partido revolucionário para se tornar um partido pequeno burguês, que dava prioridade a coexistência pacífica com a burguesia.

Para João Amazonas, Pedro Pomar, Ângelo Arroyo e Maurício Grabois, não havia outra saída para a libertação dos povos, se não a luta revolucionária. Deixam assim de seguir as direções do Partido Soviético para seguirem com o partido chinês, acreditando que a saída só se daria através da organização de um exército popular, liderado pela vanguarda do partido.

A preparação para a guerrilha se inicia no início da década de 1960. Quadros do partido são enviados a china para treinamento de guerrilha. Lá, apreendem táticas de guerra, a desmontar e construir armas, além de aulas teóricas.

Com os chineses aprenderam que o revolucionário deve: 1) obedecer as ordens sem questionar; 2) não se apropriar de nada da população, nem mesmo uma agulha; 3) entregar ao grupo tudo o que for capturado do inimigo; 4) falar de maneira educada; 5) pagar tudo o que comprar; 6) devolver tudo o que pegar de empréstimo; 7) Ressarcir ao dono em caso de danificar o que pegou emprestado; 8) não agredir ou torturar as pessoas; 9) Não queimar plantações ou danificá-las; 10) Não se relacionar com as mulheres, nem desrespeitá-las; 11) tratar bem os prisioneiros.

Esses são os princípios estabelecidos pelas *Três Principais Regras da Disciplina* e dos *Oito Pontos de Atenção* formulados pelo Partido Comunista Chinês, que foram incorporados pelo PCdoB.

De volta ao Brasil em meados de 1966, os militantes do partido comunista se deslocam para a região do bico do papagaio no Pará para iniciarem o reconhecimento do local e o estabelecimento dos guerrilheiros na

região. Nas cidades, começa o recrutamento entre os jovens militantes dispostos a se aventurar nas selvas amazônicas.

A maioria dos guerrilheiros são jovens de 20 e poucos anos, que já estão sob a mira da repressão por suas atividades políticas no movimento estudantil, ou no movimento operário. Alguns já se encontram na clandestinidade, não restando outra alternativa a não ser se embrenhar na mata para continuar lutando contra a ditadura. Esses jovens serão liderados pelos dirigentes que fizeram o treinamento na China e pelos integrantes do comitê central, que farão parte da Comissão Militar, Ângelo Arroyo e Maurício Grabois. João Amazonas e Elza Monerat, ficariam responsáveis em manter o contato dos guerrilheiros com a direção do partido no sudeste do país.

Muito pouco era falado aos militantes recrutados, eram convocados para realizar uma tarefa revolucionária e questionados se estavam dispostos a qualquer sacrifício. Por motivos de segurança, o destino final não podia ser revelado. Aceitando a missão, eram mandados para diversos locais antes de chegarem a região do Araguaia.

A estratégia elaborada pelo partido, previa uma guerra popular prolongada. Para alcançar seu objetivo era preciso conquistar a confiança do povo, e para isso a vivência com os camponeses era fundamental. No documento de 1969, intitulado *Guerra Popular – Caminho da Luta Armada no Brasil*, o Comitê Central confirma a opção pela revolução no campo, afirmando a necessidade de se criar um grande exército popular.

A guerra prolongada se difere do modelo cubano de foco guerrilheiro. Segundo o PCdoB tal estratégia seria equivocada, pois não levava em consideração a necessidade da vanguarda de um partido operário para liderar o movimento armado. Considerava ainda que o método, ignorava a importância dos fatores políticos e da participação das massas no processo revolucionário.

Para o PCdoB a luta deveria ter caráter essencialmente popular, não podendo ser liderada pela burguesia. O local escolhido para a guerra popular seria necessariamente o campo. A guerra de guerrilha era entendida como a fase inicial da revolução, com o avanço da luta, os camponeses iriam se juntar

para formar o exército popular. Esse processo levaria muito tempo, exigindo grandes recursos materiais e humanos.

As táticas da guerra guerrilha eram sintetizadas pela frase de Mao Tsé-Tung: “*Quando o inimigo avança, recuamos; quando pára, o fustigamos; quando se cansa, o atacamos; quando se retira, o perseguimos*”.¹

Os guerrilheiros foram distribuídos em 3 destacamentos, A, B e C e uma Comissão Militar. O destacamento A contava com 22 pessoas, tendo como comandante André Grabois (Zé Carlos); e Antônio de Pádua Costa (Piauí) como vice. O destacamento B era liderado pelo mineiro Oswaldo Orlando da Costa (Oswaldão) e tinha como vice José Humberto Bronca (Zeca), tinha 21 pessoas. José Toledo de Oliveira (Vitor) também mineiro, era o Vice Comandante do Destacamento C. Paulo Mendes Rodrigues (Paulo) era o comandante desse destacamento de 20 pessoas. A Comissão Militar era composta por 4 integrantes e 2 guardas. Totalizando na região 69 guerrilheiros.

Foram 3 grandes operações militares de combate a guerrilha (Operações: Papagaio; Sucuri e Marajoara) envolvendo um grande contingente de soldados, porém o número exato nunca foi revelado. Outras operações foram feitas antes dos confrontos armados, e uma última operação após a derrota dos guerrilheiros, nomeada de Operação Limpeza, responsável por desenterrar os corpos e leva-los para local desconhecido.

Os combates militares tiveram início em 12 abril de 1972, o exército atacou o ponto de apoio (PA) do destacamento A e poucos dias depois o PA do destacamento C. Em seguida fustigou o destacamento B e a Comissão Militar. Nessa primeira ofensiva, os guerrilheiros conseguiram fugir, mas perderem suprimentos e armas. O objetivo era desestabilizar os guerrilheiros e acabar com os pontos de apoio, para dificultar o acesso dos guerrilheiros a alimentação e recursos. A operação Papagaio teve início em agosto de 1972 terminando no final desse ano. Nos combates armados no entanto, os guerrilheiros tiveram 10 baixas; entre elas os mineiros, Idalísio Soares Aranha Filho; Ciro Flávio Salazar de Oliveira, e José Toledo de Oliveira. Em fins de setembro o exército opta por uma retirada estratégica, mas sem abandonar totalmente a região.

A segunda operação, ficou conhecida como Sucuri, de 1973. Os militares intensificaram os trabalhos de informação e conhecimento da área. Foram realizados diversos voos estratégicos de reconhecimento. Agentes militares foram convocados para se infiltrarem na região como representantes de empresas, agentes do INCRA, funcionários da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), bodegueiros e posseiros. Esses militares ficariam responsáveis por mapear a região, dando informações dos guerrilheiros, por onde andavam e com quem conversavam. A operação tinha um caráter mais investigativo do que de combate.

A operação Marajoara teve início em 07 de outubro de 1973. Tinha como objetivo principal aniquilar a guerrilha. Com ordem do alto comando do exército, com o conhecimento do presidente da república General Emilio Garrastazu Médici, ficou estabelecido a caça aos comunistas, ninguém deveria sair vivo das matas do Araguaia. Os agentes infiltrados serviriam de guias para as perseguições. Utilizou-se também mateiros, bate-paus e índios da região para a localização dos combatentes. O resultado de toda a duração da operação foram 56 guerrilheiros desaparecidos. Em 1973, morreram os mineiros, Adriano Fonseca Filho e Paulo Roberto Pereira Marques.

O ano de 1974 foi decisivo, e provavelmente o de maiores perdas para os guerrilheiros. No grupo dos mineiros, foi o ano das mortes de Oswaldo Orlando da Costa, Aurea Elisa Pereira, Pedro Alexandrino Oliveira Filho, Rodolfo de Carvalho Troiano e de Walkiria Afonso Costa, última guerrilheira a ser presa, estava fraca, doente e desnutrida, não oferecendo resistência, o que não impediu os militares de a torturarem antes de executar.

Com o fim da Guerrilha, os militares se ocuparam em apagar sua existência. A operação limpeza se encarregou de desenterrar os corpos dos guerrilheiros e ocultar seus restos mortais. Os documentos das operações também desapareceram. A população da região foi barbaramente reprimida durante e após a guerra, com o intuito de não falarem sobre o ocorrido.

4. Os Mineiros da Guerrilha do Araguaia

Foram 10 mineiros para região do Araguaia, 8 homens e duas mulheres. Desse grupo, 7 iniciaram sua militância no movimento estudantil, 2 eram bancários, e Oswaldão era engenheiro e dirigente comunista com treinamento em guerrilha na China. Setenta por cento dos guerrilheiros tinham menos de 30 anos.

Idalísio Soares Aranha Filho e Walkíria Afonso Costa militaram pelo PCdoB no movimento Estudantil da UFMG. Ele, estudante de psicologia foi eleito presidente do DA FAFICH, ela foi vice-presidente do CA da Pedagogia. Hoje essas duas entidades foram renomeadas com seus nomes. Rodolfo de Carvalho Troiano militou no movimento estudantil secundarista na cidade de Juiz de Fora, tendo sido diretor da União Juiz Forana de Estudantes Secundários.

Outros 4 mineiros que anteriormente a guerrilha militaram no movimento estudantil, eram estudantes na cidade do Rio de Janeiro. São eles: Adriano Fonseca Filho, fez filosofia na UFRJ; Áurea Elisa Pereira, estudante de física da UFRJ; Ciro Flávio Salazar de Oliveira, cursou arquitetura na Faculdade Nacional de Arquitetura, da Universidade do Brasil, hoje UFRJ; Pedro Alexandrino Oliveira foi o único mineiro que atuou no movimento estudantil de São Paulo nos anos de 1967 e 1968, no ano seguinte veio a Belo Horizonte onde foi preso pelo DOPS-MG.

Adriano Fonseca Filho, Áurea Elisa Pereira, Ciro Flávio Salazar de Oliveira, José Toledo de Oliveira, Pedro Alexandrino Oliveira Filho e Rodolfo de Carvalho Troiano foram presos anteriormente a ida para a guerrilha, por subversão. Em decorrência das prisões e/ou das atividades políticas Adriano, José Toledo, Ciro Flávio, Paulo Roberto, Pedro Alexandrino e Oswaldão estavam na clandestinidade antes de irem para o Araguaia.

Chegando ao Araguaia os guerrilheiros eram deslocados para os destacamentos. Rodolfo de Carvalho Troiano, pertenceu ao Destacamento A, ficando conhecido como Manoel do A. José Toledo de Oliveira, foi designado

como vice Comandante do Destacamento C. Adriano Fonseca Filho e Áurea Elisa Pereira, também foram para o C.

O destacamento B foi o que mais recebeu mineiros, a começar pelo seu comandante, Oswaldo Oralndo da Costa. Foram também desse grupamento, Ciro Flávio Salazar de Oliveira, Idalísio Aranha Soares Filho, Paulo Roberto Pereira Marques, Pedro Alexandrino Oliveira Filho e Walkíria Afonso Costa, essa última devido as baixas do destacamento A, foi deslocada posteriormente para esse destacamento.

O primeiro mineiro a ser morto foi Idalísio, em uma emboscada na região do Peri em julho de 1972. Foi assassinado durante a Operação Peixe, responsável por colher informações, destruir os pontos de apoio dos guerrilheiros, e eventuais combates.

As três operações mais importantes do exército foram, Papagaio, Sucuri e Marajoara. Durante o período da Operação Papagaio (18/09/1972 a 10/10/1972), ocorreu o desaparecimento de 2 guerrilheiros mineiros: Ciro Flávio Salazar de Oliveira e José Toledo de Oliveira.

A operação Marajoara foi a mais violenta e responsável pelo aniquilamento da guerrilha. Essa operação teve início em 07 de outubro de 1973, nela morreram os mineiros: Auréa, Adriano; Paulo Roberto; Pedro Alexandrino, Rodolfo, Walkíria e Oswaldão.

A operação terminou com um saldo de 56 guerrilheiros mortos e com a população local devassada pelo exército, com centenas de camponeses torturados e com suas casas e roças destruídas. Depois dessa operação foi decretada o fim da guerrilha, levando o exército a organizar a derradeira operação na região em relação a guerra, a Operação Limpeza.

5. Conclusão

A participação dos mineiros na guerrilha do Araguaia foi expressiva, não devido a quantidade de guerrilheiros mas pela qualidade das pessoas que decidiram deixar tudo para viver um sonho. Rompendo com os arcaicos valores mineiros esses jovens se embrenharam na mata desconhecida para lutar por um ideal. Todos de alguma forma, deixaram sua marca no Araguaia.

A história da Guerrilha nos foi negada durante muitos anos. A Operação Limpeza foi responsável por desenterrar os corpos dos guerrilheiros e enterrar em local desconhecido, para evitar que o local do sepultamento, servisse como local de homenagens, significando símbolo de resistência. O exército e as forças armadas negaram a existência da guerrilha enquanto puderam, apenas a reconhecendo publicamente anos depois.

Foram feitas denúncias no exterior no calor dos acontecimentos, por padres franceses que praticavam o evangelho na região, mas essas informações não chegavam ao Brasil. Em 1979 saiu uma matéria n'O Jornal da Tarde, feita pelo jornalista Fernando Portela, reportagem que teve pouca repercussão na época. Em 1996 o jornal O Globo faz um dossiê sobre a Guerrilha em que os militares não puderam mais negar a existência da guerra na Amazônia, dada a visibilidade nacional que a notícia alcançou.

O aniquilamento da Guerrilha do Araguaia inaugura uma nova fase na perseguição aos opositores do Regime militar. A partir de fins de 1974, a ditadura passa a fazer do desaparecimento forçado, e/ou assassinato um método sistemático para acabar com seus opositores. No entanto, essa não é uma ação aleatória, são escolhidos determinados alvos a serem aniquilados: dirigentes de organizações e autoridades. Podemos citar a Operação Radar, de 1975-1976 responsável por assassinar dirigentes do PCB, assim como o Massacre da Lapa de 1976, emboscada para matar dirigentes do Comitê Central do PCdoB. A Operação Condor entra dentro desse espectro na colaboração mútua entre as ditaduras da América do Sul para assassinar pessoas e políticos importantes de seus países.

Os crimes da ditadura civil militar ainda que imprescritíveis, seguem sem punição, devido a lei da anistia. O acesso a verdade, continua dificultado uma vez que as autoridades militares seguem afirmando a não existência de registros.

6. Dados Biográficos dos Guerrilheiros Mineiros.

ADRIANO FONSECA FILHO (Chicão, Queixada)

Data e Local de Nascimento: 18/12/1945, Ponte Nova MG

Data e Local de Desaparecimento: entre 28/11/1973 e 3/12/1973 – Grota do Nascimento.

Filiação: Zeli Eustáquio Fonseca e Adriano Fonseca

Operação Militar: Marajoara

Começou os estudos em sua cidade natal Ponte Nova, aos 10 anos se mudou para Belo Horizonte, onde cursou no Colégio Batista Mineiro o ginásial. A família mudou novamente, agora para a cidade de Lavras, onde Adriano terminou o científico.

No Rio de Janeiro entrou para o cursinho Edson Luís para se preparar para o vestibular. Em 1969, entrou para a faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na universidade entrou para o movimento estudantil participando da Comissão Organizadora da Juventude Patriótica, movimento organizado pelo PCdoB com o objetivo de organizar os universitários contra o regime militar. Trabalhava no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e morava em Ipanema. Devido as perseguições políticas, em 1970 entra para a clandestinidade o que o obriga a deixar o emprego.

Clandestino no rio, utilizou os codinomes Maurício e Alberto. Foi para a região do Araguaia em abril de 1972 passando a integrar o destacamento B. Posteriormente, devido as baixas sofridas e devido a reestruturação dos destacamentos fez parte do Destacamento C.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

A morte do guerrilheiro Adriano Fonseca Filho ocorreu durante a Operação Marajoara. Segundo o Relatório Arroyo, entre os dias 28 e 29 de novembro de 1973 Chico (Adriano) estava com um grupo de 8 companheiros, acampados na cabeceira da Grotta do Nascimento. O local era considerado seguro, e já tinha sido utilizado pelos companheiros anteriormente. Adriano foi com Toninho procurar jaboti quando por volta das 17 horas recebeu um tiro, que o matou.

Já o diário de Marurício Grabois, afirma que a morte se deu no dia 03 de dezembro de 1973. Segundo esse relato, Grabois conta que no encontro com Fogoió e Ida no dia 08/12, foi revelado que no dia 03 Chico foi morto com dois tiros enquanto caçava jaboti.

No livro *Dossiê da Ditadura, mortos e desaparecidos políticos no Brasil*, consta o depoimento de Sinésio Martins Ribeiro, ex guia do exército na região que disse: “ficou sabendo dos fatos pelo Raimundinho e Arlindo Piauí; que nesse dia o Raimundinho atirou e matou o Chicão”².

O jornalista Eumano Silva entrevistou em 28 de novembro de 2001, o ex guia Cícero Pereira Gomes que confirma ter testemunhado o assassinato de Adriano Fonseca Filho. Afirma ainda que o autor dos disparos foi Raimundinho, e que depois de morto o corpo foi decapitado.

Os dados oficiais das Forças Armadas divergem. Para o Ministério do Exército, segundo relatório elaborado em 1993, a morte de Adriano ocorreu em combate contra as forças armadas enquanto atuava no destacamento C da guerrilha. Já o Ministério da marinha registra a morte de Chicão em 03 de dezembro de 1973, na região do Araguaia. O Centro de Informação do Exército CIE, em seu relatório apenas afirma que o guerrilheiro foi morto em dezembro de 1973.

ÁUREA ELIZA PEREIRA (Elisa)

Data e Local de Nascimento: 06/04/1950, Monte Belo MG

Data e Local de Desaparecimento: 13/06/1974 – Cemitério de Xambioá (TO), ou 23º Batalhão de Infantaria da Selva, Marabá (PA), ou Base Militar de Xambioá (TO)

Filiação: Odila Mendes Pereira e José Pereira

Operação Militar: Marajoara

Nasceu na cidade Monte Belo, onde passou a infância na Fazenda da Lagoa, que seu pai administrava. Em Areado, cursou o primário e o ensino fundamental no colégio Nossa Senhora das Dores. Em 1964 muda para o rio de janeiro onde, termina o segundo grau no Colégio Brasileiro. Presta vestibular para o Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entrando para a universidade com 17 anos.

Participa do movimento estudantil, militando no diretório acadêmico do seu curso. Na faculdade conhece Arildo Valadão e Antônio de Pádua Costa. Em fevereiro de 1970 se casa com Arildo. Os três entram para o PCdoB em meados desse mesmo ano, onde decidem integrar as forças guerrilheiras do Araguaia.

Na região de Caianos, Áurea se integra ao destacamento C, onde trabalha como professora.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

Segundo relatório produzido pelo Centro de Informações do Exército (CIE) Áurea foi presa em 30 de abril de 1974. Existem relatos de passagens de Áurea por instituições militares, no entanto, não foi possível ainda ter uma versão conclusiva sobre os fatos. Em depoimento, Amaro Lins ex-militante do PCdoB, afirma ter visto Áurea com vida nos primeiros meses de 1974, no 23º Batalhão de Infantaria da Selva.

O Relatório do Ministério Público Federal de 2002, citado pela CEMDP concluiu que Áurea foi presa junto com Batista, morador da região que aderiu a

guerrilha. O livro Operação Araguaia relata que Áurea foi presa junto com Batista por dois mateiros que os entregaram aos militares no início de 1974. *“Amarrada, muito magra, faminta e doente, vestia apenas um pedaço de sutiã. As roupas rasgaram em meses seguidos de fuga pela mata úmida e cheia de espinhos. (...) Áurea foi vista viva, depois de presa, na base de Xambioá.”*³.

O Ministério da Marinha em relatório enviado ao ministro da Justiça Maurício Correa em 1993, afirma que Áurea teria sido morta em 13 de junho de 1974.

CIRO FLÁVIO SALAZAR DE OLIVEIRA (Flávio)

Data e Local de Nascimento: 26/12/1943, Araguari MG

Data e Local de Desaparecimento: 30/09/1972 ou princípio de 1972 – Próximo à área do Franco

Filiação: Maria de Lourdes Salazar e Oliveira e Arédio de Oliveira

Operação Militar: Papagaio

Nasceu no triângulo mineiro na cidade de Araguari. Ainda criança mudou-se para o rio de janeiro. Estudou o primário no colégio Santo Antônio Maria Zacarias e fez o secundário no Colégio Franco Brasileiro. cursou arquitetura na faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, hoje UFRJ.

Participou ativamente das manifestações estudantis de 1968. Após aparecer em fotos na revista Manchete, uma segurando a alça do caixão de Edson Luis de Lima Souto e outra supostamente tentando incendiar uma viatura, sofreu intensa perseguição policial. Acabou sendo preso em 26 de junho de 1968, distribuindo panfletos na passeata dos 100 mil no rio.

Ao sair da prisão entrou para a clandestinidade, vendo sua família pela última vez em 1969. No ano seguinte partiu para o Araguaia para integrar o destacamento B da Guerrilha. Antes do conflito, chegou a morar em Palestina município de São João do Araguaia, onde abriu uma pequena farmácia juntamente com o companheiro Paulo Roberto Pereira Marques.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

Ciro Flávio, Walkíria, Antônio Teodoro, Manoel José e João Carlos, segundo o Relatório Arroyo, no dia 30 de setembro foram surpreendidos pelos militares nas redondezas do acampamento. A circunstância exata da morte não foi revelada, apenas é confirmada em alguns relatórios oficiais. No entanto, existe divergência sobre a data da morte. Em Certidão emitida pela ABIN, (Agência Brasileira de Inteligência) solicitada pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República a data da morte de Ciro Flávio é atribuída ao ano de 1971. O Relatório produzido em 1975 pelo Centro de Investigações do Exército informa que a morte ocorreu em 1972. O Ministério do Exército em seu relatório de 1993 especifica a informação de que o guerrilheiro foi morto em outubro de 1972.

A ex guerrilheira Crimeia Alice Schmidt afirmou em seu depoimento a CEMDP, que viu um slide com o corpo de Ciro em abril de 1973, quando estava presa no Pelotão de Investigações Criminais de Brasília, DF.

IDALÍSIO SOARES ARANHA FILHO (Aparício)

Data e Local de Nascimento: 21/08/1947, Rubim MG

Data e Local de Desaparecimento: 13/6/1972, 12/7/1972 ou 13/7/1972 - Casa de Peri, nas redondezas da Grota Vermelha, aproximadamente a 50 metros da estrada ou Região de Perdidos ou Marabá (PA)

Filiação: Aminthas Rodrigues Pereira e Idalísio Soares Aranha

Operação Militar: Peixe

Nascido na região do Vale do Jequitinhonha, Idalísio começou seus estudos em sua cidade natal Rubim, indo depois estudar na cidade de Teófilo Otoni. Em Belo Horizonte estudou nos Colégios Governador Milton Campos, (conhecido como Estadual Central), e Colégio Universitário da UFMG onde se preparou para o Vestibular, sendo aprovado para o curso de psicologia da

Universidade Federal de Minas Gerais em 1968. Foi aprovado, mas não havia vagas o suficiente, Idalísio então se juntou aos estudantes excedentes aprovados que exigiam sua vaga.

Na faculdade participou ativamente do movimento estudantil, já como militante do PCdoB, sendo eleito presidente do D.A. da FAFICH. Atualmente essa entidade leva o seu nome. Casou-se com Walkíria Afonso Costa, também militante do partido e vice-presidente do CA da pedagogia da UFMG. Tocava violão muito bem, era um rapaz alegre, que com seu temperamento e sua música cativava a todos.

Em 27 de Janeiro de 1971 embarcou com sua mulher para a região do Araguaia para ingressarem no destacamento B da guerrilha. Foi o primeiro mineiro a tomar. Em 1972 foi condenado a revelar a 2 anos de prisão por pertencer ao PCdoB.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

Ângelo Arroyo em seu relatório, narra o episódio em julho de 1972 de uma emboscada ao grupo que Idalísio fazia parte. João Carlos Haas Sobrinho foi ferido na perna com 2 tiros obrigando o grupo a se esconder na mata por alguns dias. Idalísio saiu para caçar e acabou se perdendo do grupo. No caminho, encontrou refúgio em um barraco próximo a casa de Peri, onde parou para pedir comida. Dias depois o exército apareceu, e Idalísio resistiu até a última bala.

Em depoimento dado ao livro Vestígios do Araguaia citado pela Comissão Nacional da Verdade, a ex-guerrilheira Regina Carvalho Leão de Aquino afirma que o general Antônio Bandeira disse que Idalísio morreu após resistir bravamente a emboscada do exército. O relatório da Marinha de 1993, também menciona a morte de Idalísio em Julho de 1972 na região de Peri, ressaltando sua bravura ao resistir a emboscada.

Outros Registros Divergem em relação a data e o local da morte de Idalísio. A Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos afirma em

seu livro que, segundo um documento dos Fuzileiros Navais entregue anonimamente aquela comissão, afirmava que Idalísio teria morrido na região de Perdidos, a nove léguas de distancia da região de Caianos, em 12/07/1972. Essa informação é repetida pelo documento Carta de Instrução 1/72 da Operação Papagaio, assinada pelo comandante das Forças dos Fuzileiros de Esquadra, Uriburu Lobo da Cruz. Tal documento, segundo a CNV se encontra no Livro Dossiê Ditadura.

O relatório Manobra do Araguaia corrobora com a versão do local ter sido Perdidos, mas estabelece como data da morte no dia 13/07/1972. O relatório do CIE corrobora com a data sendo o dia 13/07/1972 mas atribui a cidade de Marabá como local da morte, posteriormente o CIE produz um outro documento afirmando que a data do óbito pode ter tido um erro de digitação.

JOSÉ TOLEDO DE OLIVEIRA (Vítor)

Data e Local de Nascimento: 17/07/1941, Uberlândia MG

Data e Local de Desaparecimento: 20/9/1972, 21/9/1972, 26/9/1972 ou 29/9/1972, Base de São Geraldo do Araguaia (PA) ou Cemitério de Xambioá (TO) ou Roça do Rodrigues ou Base Militar de Xambioá (TO) ou Terra Indígena Sororó, às margens da estrada, perto de São Raimundo (PA)

Filiação: Adaíde de Toledo Oliveira e José Sebastião de Oliveira

Operação Militar: Papagaio

Nasceu no triângulo mineiro na cidade de Uberlândia. Veio para Belo Horizonte ainda jovem, antes dos 20 anos. Em BH trabalhou no Banco Real de Minas Gerais. Mudou-se para o Rio de Janeiro onde iniciou sua militância política no Sindicato dos Bancários dessa cidade. Sob o pseudônimo de Sobral Siqueira foi editor do Jornal Elo. Filiou-se ao PCdoB na mesma época em que foi da diretoria da Associação dos Funcionários do Banco.

Em 1964 seu jornal foi fechado pelos militares, no entanto sua identidade não foi revelada devido ao pseudônimo que usava. Foi preso em 1968 após

panfletar na favela da Rocinha, e em 1969 em seu local de trabalho. Nessa última prisão foi levado por agentes do DOPS-RJ e transferido ao CENIMAR na da ilhas das flores onde foi barbaramente torturado.

Ao sair da cadeia passa a viver clandestinamente e ingressa na guerrilha em princípios da década de 1970, para atuar como vice comandante do destacamento C.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

Em 21 de setembro de 1972, José Toledo juntamente com Cazuzza, tinha marcado de encontrar com 3 companheiros do destacamento no dia seguinte. Cazuzza achou que tinha ouvido as vozes dos companheiros e decidiu checar. Como o encontro estava marcado para o dia seguinte, José Toledo que era o vice comandante do destacamento proibiu Cazuzza de ir. No dia seguinte, no entanto, Cazuzza insistiu para ir ao local onde ele teria ouvido os companheiros, Toledo acabou cedendo. O ruído se tratava de um acampamento inimigo, quando Cazuzza chegou foi imediatamente metralhado.

José Toledo se afastou e encontrou com os outros 3 companheiros com quem havia marcado o encontro. Na ocasião, devido a falta de alimentos do grupo, sugeriu de irem a roça do Rodrigues pegar mandioca. Os outros companheiros ponderaram afirmando que não havia mais nada na tal roça, mas o vice comandante insistiu. Chegando próximo ao local perceberam vestígio do inimigo. José Toledo decidiu se esconder para esperar o inimigo passar para depois ir a roça pegar a mandioca. Quando o último soldado passava, alguém fez um barulho involuntário, o qual os militares responderam um tiroteio. Morreram José Toledo De Oliveira, Antônio Carlos Monteiro Teixeira e Francisco Chaves. Dina conseguiu escapar com um arranhão de bala no pescoço.

Nos documentos oficiais a morte de José Toledo é confirmada na data de setembro de 1972 no relatório da Operação Sucuri, de maio de 1974, conforme o *Dossiê Ditadura: Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil*. Já o relatório de situação nº 2/72, assinado pelo general de divisão Olavo Viana Moog, atribui a

morte ao 10^o batalhão de Caçadores, na região de pau preto entre os dias 25 de setembro e 2 de outubro de 1972. O CIE também confirma a morte de José Toledo de Oliveira no Ano de 1972.

OSWALDO ORLANDO DA COSTA (Mineirão, Oswaldão)

Data e Local de Nascimento: 27/04/1938, Passa Quatro MG

Data e Local de Desaparecimento: 7/2/1974 ou 4/1974 - Saranzal, perto de São Domingos (PA), Xambioá (TO) ou Brasília (DF)

Filiação: Rita Orlando dos Santos e José Orlando da Costa

Operação Militar: Marajoara

Nasceu na cidade de Passa Quatro no sul de Minas. Era um negro bonito alto, de quase dois metros de altura, que chamava atenção por onde passava. Entre os anos de 1952 e 1954 muda-se para São Paulo para fazer o curso Industrial Básico de Cerâmica da Escola Técnica. Terminado o curso, segue para o rio de Janeiro para estudar na Escola Técnica Federal onde se forma técnico de Construção de Máquinas e Motores no ano de 1958.

No Rio, serviu no Centro de Preparações de Oficiais da Reserva (CPOR) do Exército Brasileiro, se tornando oficial da reserva. Esportista, foi campeão de boxe pelo clube Botafogo Futebol e Regatas.

Em 1962 consegue através de uma parceria do governo brasileiro com o governo tcheco uma bolsa para estudar engenharia em Praga. Permanece por 3 anos na Tchecoslováquia. Participa de um filme sobre o programa dos estudantes estrangeiros naquele país, e tem um livro escrito por Cytrian Ekwensi em sua homenagem, com o título *O Homem que parou a Cidade*. Do leste europeu, em abril de 1964 parte para a China para fazer treinamento de guerrilha, nas cidades de Pequim e Nanquin, a mando do PCdoB.

Volta clandestino para o Brasil em 1966 já para se infiltrar na região do Araguaia. Lá chegando trabalha como mariscador e garimpeiro. Na região ficou conhecido como Mineirão ou Oswaldão. Era admirado por toda a população.

Conhecia bem a região, tanto a da guerrilha como os arredores. Em 1969 se fixou na região da Gameleira numa posse que adquiriu perto do rio de mesmo nome. Alguns companheiros chegaram mais tarde e se fixaram em suas terras.

Foi comandante do Destacamento B, era respeitado por todos, existindo muitas histórias e lendas sobre sua personalidade bondosa, alegre, mas também de sua força bravura e boa pontaria. Na região diziam que Oswaldão era invencível, que conseguia ficar invisível aos olhos do inimigo. Logo no início dos combates escreveu uma carta para os moradores da região intitulada Carta de Oswaldão a seus amigos, em que explica os motivos da guerrilha e a sua posição. Resistiu bravamente, travou vários combates, foi morto pelas costas pelo mateiro Piauí.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

O último relato sobre Oswaldão no Relatório Arroyo data de 30/12/1973, dia em que os guerrilheiros se encontram depois do ataque a comissão militar e decidiram se separar em 5 grupos, cada um tomando um rumo. Nesse dia Arroyo relata ter ouvido tiros na direção que Oswaldão tomou.

Moradores da região relataram no livro *Dossiê da Ditadura*, que Oswaldão foi ferido nas costas por um tiro em abril de 1974, pelo mateiro Arlindo Piauí, sendo fuzilado por soldados logo depois. Foi morto na região de Saranzal, perto de São Domingos no estado do Pará. De lá seu corpo foi levado por helicóptero amarrado por uma corda, para que a população visse e levado para Bacaba, posteriormente transportado para Xambioá no Tocantins.

Durante o transporte testemunhas afirmam que o corpo de Oswaldão caiu, fraturando sua perna. Seus restos mortais foram mutilados, tendo sido a cabeça decapitada e exposta, o corpo sofreu diversos tipos de agressão como chutes e apedrejamento, sendo por fim queimado. Segundo esse Dossiê jogaram os restos mortais numa vala comum de nome Vietnam localizada no fim da pista de pouso da Base de Xambioá.

O segundo tenente da Polícia Militar de Goiás, João Alves de Souza, disse em depoimento a CNV no dia 20 de março de 2014, que a história de Arlindo Piauí é falsa e serviu apenas para mascarar os fatos. Segundo esse cidadão, Oswaldão foi morto por seu grupamento sendo ele responsável por dar ordem ao ataque. Afirma ainda ter participado da mutilação do corpo, tendo sido colocado em caixas térmicas e enviado a Brasília de avião, para dar conhecimento ao presidente da república de que um dos maiores líderes da guerrilha estava morto.

A CEMDP tem outra versão, segundo o ex mateiro José Rufino Pinheiro em depoimento ao MPF, Oswaldão foi morto por um tiro nas costas enquanto comia, e depois de morto foi levado da capoeira do Pedro Loca, perto de Palestina no Pará para Xambioá (TO).

Em seu relatório o CIE atesta que Oswaldo Orlando da Costa foi morto no dia 07 de fevereiro de 1974, mesma informação que consta no relatório da marinha no ano de 1993. Já o Ministério da Aeronáutica apresenta em seu relatório referencia ao Manifesto divulgado no II Congresso Nacional pela Anistia em 1979, que denunciava o desaparecimento ou a morte de Oswaldão. Citava ainda a reportagem da Folha de São Paulo em 1978 com o depoimento de José Genoino que afirmava que foi mostrado a ele, quando se encontrava preso, fotos do corpo de Oswaldão.

Segundo Sebastião Rodrigues de Moura, o Curió, em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo em 04 de março de 2004, foi realizada uma reunião em Brasília com a presença do presidente da República, Emilio Garrastazu Médici e a alta cúpula das forças armadas. Nessa reunião ficou decidida as estratégias para capturar executar Oswaldo Orlando da Costa e Dinalva Conceição Oliveira Teixeira. Curió, afirma ainda que a emboscada feita para capturar Oswaldão partiu de seus subordinados e que no transporte, seu corpo caiu de uma altura de 10 metros.

Em 2004, em entrevista a Revista Época, os ex-soldados Raimundo Pereira, Josean Soares, Antônio Fonseca e Elias Oliveira passavam diariamente

sob o túmulo de Oswaldão, localizado na base de Xambioá no estado do Tocantins.

PAULO ROBERTO PEREIRA MARQUES (Amaury)

Data e Local de Nascimento: 15/05/1949, Pains MG

Data e Local de Desaparecimento: 12/1973 - a 5 ou 6 km da Base do Mano Ferreira, próximo a Palestina (PA) ou perto do rio Saranzal (PA)

Filiação: Maria Leonor Pereira Marques e Silvio Marques Canelo

Operação Militar: Marajoara

Natural de Pains, mudou-se na adolescência para casa de uma tia em Acesita para estudar. Veio para Belo Horizonte terminar o segundo grau no colégio Lúcio dos Santos. Fez cursinho pré-vestibular Pitágoras para prestar vestibular na área de química. Trabalhava no Banco Minas Gerais. Em 1968 participou intensamente da greve dos bancários, por conta de sua militância foi demitido e indiciado na Lei de Segurança Nacional. Fazia trabalhos voluntários na Igreja Santa Efigênia, gostava de cantar e compor, por isso era muito popular e admirado.

Devido a perseguição por parte da repressão por causa da sua militância política no PCdoB, entra pra clandestinidade indo morar no interior da Bahia e depois no Rio de Janeiro. Em 1969 se muda para a região da Palestina no sudeste do Pará. Lá, abre uma farmácia com o companheiro Ciro Flávio Salazar de Oliveira, ficando conhecido como Amauri da Farmácia. Os dois fazem parte do destacamento B.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

A última vez que Paulo Roberto foi visto, segundo o Relatório Arroyo, foi no episódio que ficou conhecido como “Chafurdo de Natal”. O acampamento da Comissão Militar foi duramente atacado pelos militares, no natal do ano de 1973.

Paulo Roberto e Walkíria foram enviados para encontrar com alguns companheiros na mata, e deveriam retornar no dia 28 de dezembro, no entanto nunca mais foram vistos. As circunstâncias da morte nunca foram reveladas, apresentando na certidão de óbito apenas o ano de 1973.

Pedro Vicente Pereira, o Pedro Zuza, afirma em depoimento ao MPF que Paulo Roberto foi morto na operação no dia 25/12/1973. Data e circunstância também confirmada pelo sargento do Exército João Santa Cruz Sacramento em oitiva realizada pela CNV em 20 de março de 2014 em Goiânia, GO.

Para o jornalista Leonencio Nossa, em seu livro *Mata!*, Paulo Roberto foi morto sob tortura no centro clandestino de detenção e tortura conhecido como Casa Azul, em Marabá. O autor baseia sua informação nos documentos e relatos conseguidos por ele com o Sargento Sebastião Rodrigues, o curió.

PEDRO ALEXANDRINO OLIVEIRA FILHO (Peri)

Data e Local de Nascimento: 19/03/1947, Belo Horizonte MG

Data e Local de Desaparecimento: 10/3/1974 ou 4/8/1974 - Palestina (PA) ou Xambioá (TO).

Filiação: Diana Piló Oliveira e Pedro Alexandrino Oliveira

Operação Militar: Marajoara

Nasceu em Belo Horizonte, onde estudou nos colégios Monte Calvário e Anchieta. Trabalhou no Banco Hipotecário, que mais tarde passou a se chamar Banco do Estado de Minas Gerais. Em 1967 foi transferido para São Paulo, nessa cidade iniciou sua militância no movimento estudantil.

Em 1969 volta para Minas clandestino, pois já era procurado por agentes da repressão em São Paulo. Em dezembro desse ano é preso pelo DOPS-MG na casa de sua irmã, sendo espancado na frente da família. Na prisão é torturado, tendo como seqüela a perda completa da audição de um ouvido, e a perda parcial da audição do outro. Ao sair da prisão, viaja para o sudeste do Pará para fazer parte do destacamento B. Lá chegando adota o codinome de

Peri. Era muito ligado às irmãs e a mãe, sempre que pode manteve contato com a família através de cartas.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

Pouco se sabe sobre as circunstâncias exatas da morte de Pedro Alexandrino. Segundo o Relatório Arroyo, Peri sobreviveu ao “Chafurdo de Natal”, episódio em que a Comissão Militar da guerrilha foi atacada e vários militantes foram mortos.

No relatório do Ministério da Marinha de 1993 consta apenas a data de sua morte em 04 de Agosto de 1974. O relatório do CIE confirma a mesma data, mas não especifica qual foi a causa da morte. No entanto, a Certidão de óbito apresentada no processo da CEMDP trás a data de 10 de março de 1974.

Uma versão sobre o ocorrido aparece em reportagem da revista Época de 2004, em que os ex-soldados Jean Soares, Raimundo Pereira, Antônio Fonseca e Elias Oliveira, afirmam que foram responsáveis por enterrar na base militar de Xambioá (TO) os corpos de Pedro Alexandrino e Batista, camponês da região que aderiu a guerrilha.

“Eles já estavam duros”, conta. Fonseca pegou Peri pelos cabelos, levantou-o e jogou-o nas costas. O colega fez o mesmo com Batista. Ambos foram largados no mesmo buraco, um por cima do outro. Para cobrir os corpos foi usado um pano com listras vermelhas e brancas. Um camponês que estava preso na base encheu a cova de terra.”⁴

Segundo o livro *Mata!* de Leonencio Nossa, baseado nas declarações e documentos do Major Curió, Pedro Alexandrino foi morto pelo grupo de paraquedistas com um tiro na cabeça.

RODOLFO DE CARVALHO TROIANO (Manoel do A)

Data e Local de Nascimento: 02/04/1949, Juiz de Fora MG

Data e Local de Desaparecimento: 10/1973 ou 12/1/1974 - Tabocão, Brejo das Pacas ou nas redondezas da estrada de São Domingos (PA)

Filiação: Geny de Carvalho Troiano e Rodolfo Troiano

Operação Militar: Marajoara

Iniciou a militância estudantil muito jovem participando do movimento secundarista. Foi eleito diretor da União Juiz Forana dos Estudantes Secundários. Militou na organização Corrente, até seu desmantelamento em 1969. Escrevia na publicação clandestina *O Porrete*, onde fazia duras críticas ao regime militar.

Foi preso por duas vezes antes de ir para o Araguaia. A primeira em 1968, preso para averiguação, sendo solto pouco tempo depois. No ano seguinte, foi condenado pela Justiça Militar, por subversão. Ficou preso até dezembro de 1970.

Nessa época Rodolfo já tinha ingressado no Partido Comunista do Brasil. Ao sair da prisão, vai para a região Chega com Jeito, no sudeste do Pará. É o único mineiro do destacamento A, onde ficou conhecido como Manoel do A. Mesmo sendo muito novo, e inexperiente se tornou um bravo combatente, segundo seus companheiros.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

As informações sobre seu desaparecimento são inconsistentes. Segundo o Relatório Arroyo, Rodolfo foi com a guerrilheira Sonia (Lucia Maria de Souza), encontrar com outros dois companheiros na estrada que vai para São Domingos no PA. Segundo o relatório esse encontro não aconteceu. Não existe mais registro de Manoel no documento de Arroyo.

Segundo depoimento dado ao MPF em 2001, os camponeses Luiz Martins dos Santos e Zulmira Pereira Neves, relatam que Rodolfo juntamente com Demerval da Silva Pereira (João do Araguaia) foram a casa dos depoentes, na região do Tabocão, para entregar o sobrinho deles , Sebastião.

Zé dos Santos, pai de Sebastião, foi a Bacaba avisar aos militares sobre o regresso do filho, e a presença dos guerrilheiros. O exército enviou à região 24 soldados para perseguirem os comunistas. Entraram na mata a tirando e pouco tempo depois chegaram com um corpo envolto em um paraquedas. Luiz Martins e Zulmira não puderam ver o corpo, mas foram avisados que se tratava de Manoel.

Documentos do SNI sobre o Araguaia, afirmam que Rodolfo foi visto em 1976 em Juiz de Fora com colegas, participando da campanha eleitoral de Tarcísio Delgado e Ivan Barbosa de Castro. Depois desse episódio teria ido para o Uruguai ou Argentina. O Ministério do Exército em resposta ao Ministro da Justiça, sustenta essa falsa versão em documento de 1993, afirmando que Rodolfo teria ido para o sul, provavelmente Argentina ou Uruguai.

O Relatório do Ministério da Marinha, no entanto, afirma que Rodolfo foi morto em 12 de Janeiro de 1974, sem especificar a circunstância.

WALKIRIA AFONSO COSTA (Walk)

Data e Local de Nascimento: 02/08/1947, Uberaba MG

Data e Local de Desaparecimento: entre 30/9/1974 e 25/10/1974 - Xambioá (TO)

Filiação: Odete Afonso Costa e Edwin Costa

Operação Militar: Marajoara

Natural de Uberaba no triângulo mineiro, fez o primário e parte do ginásio em Patos de Minas e Itabapoana no estado do Rio de Janeiro. Terminou o ginásio em Pirapora (MG). Em 1965, se forma no curso normal, e começa a dar aula nessa cidade.

No ano seguinte passa no concurso para professora em Belo Horizonte. Se muda para a capital, onde presta vestibular para pedagogia. É aprovada em 2º lugar para o curso na faculdade de Educação da UFMG.

Na faculdade, inicia sua militância no movimento estudantil, sendo eleita vice-presidente do Centro Acadêmico de Pedagogia, em 1968. Entra para o Comitê Estudantil do Partido Comunista do Brasil, juntamente com Idalísio Soares Aranha Filho. Se elege presidente do Centro de Estudos Pedagógicos, órgão de representação dos estudantes de pedagogia. Por conta de sua militância, teve a casa invadida por agentes do DOPS-MG, mas não chegou a ser presa.

Em janeiro de 1971 se casa com Idalísio, indo nesse mesmo ano morar na região da guerrilha. Como Idalísio, gostava de violão e de cantar, era muito inteligente e admirada pelos colegas, se tornando uma referência no movimento estudantil na UFMG. Entrou para o destacamento B sendo a última guerrilheira a ser morta pelos militares.

CIRCUNSTÂNCIAS DO DESAPARECIMENTO E MORTE:

Walkíria foi mencionada pela última vez no Relatório Arroyo no episódio que ficou conhecido como “Chafurdo de Natal” em 1973. Ela teria ido com o companheiro Amaury, encontrar com outros guerrilheiros em local perto de onde aconteceu o tiroteio. No entanto, eles não chegam ao local.

Não existe relato por onde Walkíria passou até a sua prisão. Nos relatórios do Ministério da Marinha (1993) e do Centro de Informações do Exército consta a mesma data de morte, 25 de Outubro de 1974. Já o Ministério do Exército afirma que Walkíria foi morta em confronto armado em 1972, versão falsa conforme prova os outros documentos.

O ex guia e colaborador do exército Sinésio Martins Ribeiro, em depoimento ao MPF em 2001, afirmou ter visto Walkíria com vida na base de Xambioá (TO).

Em 30 de agosto de 2004, Adailton Vieira Bezerra, declarou a CEMDP, que trabalhava naquela época na base do exército de Xambioá. Afirmou que em outubro de 1974, atendeu Walkíria, que ela se encontrava muito machucada, no entanto lhe foi negado tratamento médico. Disse ainda que ficou sabendo de sua morte, mas que não se encontrava na base no dia do ocorrido.

“Contou ainda, que segundo o relato de pessoas que assistiram a execução, a guerrilheira foi colocada em pé em um pátio (ou covas) – entre um hospital e uma casa – e que os oficiais do Exército fizeram um círculo ao seu redor e que quem deu o primeiro tiro foi uma espécie de carrasco, alguém não oficial ou um militar jovem, que usava um tipo de espingarda “surda”, de pequeno porte e que não causava barulhos. Após isso, houve ainda mais dois tiros. Essa execução foi por volta das 17 horas na segunda quinzena de outubro. Afirmou também que ela foi jogada em uma cova próxima de onde estaria enterrado Oswaldão.”⁵

O sargento do exército João Santa Cruz Sacramento, em oitiva da CNV do dia 19 de novembro de 2013 em Belém (PA), afirma que Walkíria foi a última guerrilheira capturada e que com sua prisão foi decretado o fim da guerrilha, fato comemorado por todos. Afirmou ainda que a guerrilheira foi entregue com vida à Casa Azul. Afirmou ainda, que nesta fase também morreu a guerrilheira Suely Yumiko Kanayama, que as duas teriam sido mortas com injeção letal e estrangulamento. *“Até para ser sincero, para dizer a verdade, antes do assassinato eles estupraram elas”⁶*. Ao ser questionado o motivo da execução, afirmo se tratarem de guerrilheiras perigosas com alto poder de convencimento das massas.

Josian José Soares, soldado à época em depoimento ao MPF, do dia 06 de março de 2004, afirmou que Walkíria foi presa em junho ou julho de 1974. Disse ainda que foi responsável por sua guarda por 4 dias. Recebeu ordem para cavar uma cova as quatro horas da tarde, e que depois da cerimônia de descerramento da bandeira todos os soldados foram obrigados a sair da base, com ordem de só retornarem a uma da manhã. Quando retornou, não encontrou mais Walkíria, e a cova estava coberta e com manchas de sangue.

Mais tarde soube do cozinheiro Cucui, que Walkíria foi levada para perto da cova e que levou três tiros. O primeiro atingiu a cabeça, mesmo assim Walkíria fez menção de levantar, levou então o segundo tiro, também na cabeça, não se movendo mais. Ainda dispararam mais uma vez.

¹ MAO TSE-TUNG. Apud. In: MORAIS, T; SILVA, E. *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*. 2 Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2005. p. 35.

² Excerpt From: final 2. "Volume III." iBooks. "

³ MORAIS, T; SILVA, E. *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*. 2 Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2005. p. 566.

⁴ Relatório da CNV. P. 5791. Excerpt From: final 2. "Volume III." iBooks.

⁵ Relatório da CNV. P. 6189. Excerpt From: final 2. "Volume III." iBooks.

⁶ Relatório da CNV. P. 6190. Excerpt From: final 2. "Volume III." iBooks.